

A TEIA

Adaptação e encenação de Fábio Timor,
a partir da obra de Carlos Coutinho





Sinopse

«A Teia», título homónimo do texto de Carlos Coutinho, obra emblemática do Teatro de Circunstância, é uma adaptação cénica ao estilo do neo-realismo, com uma forte componente intimista, emocional e dramática. Um espectáculo que conta a história de um homem que entrega o futuro do seu filho aos interesses de um Estado ditatorial e de uma mulher que se emancipa, num tempo em que o medo era norma. Uma proposta cénica original, com a qual podemos revisitar a memória colectiva do modus operandi da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado) do Estado Novo.

Notas de encenação

Os interesses filiaciosos aliados à prepotência política matizam o compêndio dramático do “Teatro de Circunstância”. Obra da autoria do activista político e jornalista Carlos Coutinho, que narra dramas neo-realistas do quotidiano, como reportagens filmicas, ou crónicas jornalísticas encenadas. E é desse poliedro de cronografias que emerge o espectáculo “A Teia”, criado a partir do texto original com o mesmo nome, de excertos da obra “Ritual”, do mesmo autor, de diálogos e poemas do encenador.

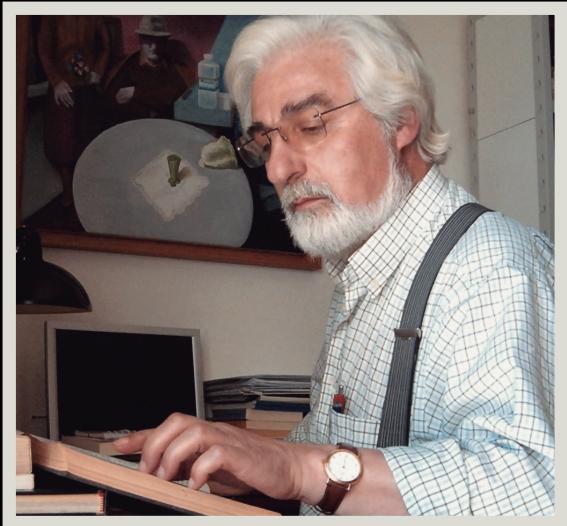
Numa aparente arbitrariedade cronológica, a acção narrativa, ao mesmo tempo que perscruta o medo, o cansaço e a desconfiança, vai sendo dominada por uma intricada dinâmica emocional, condenando a verdade dos protagonistas a uma espécie de predestinação das circunstâncias, que parece ofuscar-lhes o livre-arbítrio.

A opção artística, espelhada na adaptação dramatúrgica, advém do contexto inquietante que pontilha a sociedade dos dias de hoje. Os discursos estremados, as posições entrincheiradas que negam qualquer racionalidade, vão desculpando o surgimento de respostas fáceis para as contrariedades da vida e das dificuldades sociais. Por isso, e não só, importa revisitar o regime do Estado Novo, sob a liderança de António Oliveira Salazar.

Neste sentido, é oportuno reflectir sobre a crescente tendência propagandeada em “pele de cordeiro”, do “nós, os de bem, e os outros”, alimentada por objectivos corporativistas que vão consolidando a visão de uma sociedade a preto-e-branco, e que apenas consagra espaço para heróis e anti-heróis. Nesta perspectiva, e como escreveu Carlos Coutinho, “o teatro não pode fazer tábuas rasa da hora que passa. Comunicar divertindo, agitar reflectindo, perspectivar recordando, são ingredientes dum acto fundamental que não podemos sequer inibir.” Precisamos de um teatro que nos interroge, que nos emocione; um teatro participativo e que seja capaz de nos inquietar.

Fábio Timor





Carlos Coutinho, natural de Santa Marta de Penaguião, fez a Guerra Colonial em Moçambique como enfermeiro militar de neuropsiquiatria, entre os anos de 1966 a 1969.

Militante do PCP, foi um operacional activo na luta contra o Estado Novo, sendo preso pela Pide na prisão do Forte de Caxias, entre 1973 e 1974.

Trabalhou em vários jornais nacionais, tendo sido redactor no jornal «O Século», em 1971, e um dos fundadores do jornal «O Diário».

Entre 1981 e 1982 foi membro da direcção do Sindicato dos Jornalistas.

Autor de uma dezena de obras de teatro, ficção e crónicas jornalísticas, muitas das quais traduzidas para espanhol, inglês, alemão, italiano, russo e húngaro. Alguns dos seus textos foram incluídos em antologias como «Stucke aus Portugal» (Alemanha), «Az Aranykezu Csavargó» (Hungria) e «Teatro Português do XX Secolo» (Itália). Da sua bibliografia, destacam-se as obras «O Herbicida» (1972), «Teatro de Circunstância» (1975), «A Estratégia do Cinismo» e «O Jantar do Comissário» (1977).



Ficha artística e técnica

Texto original

Carlos Coutinho

Dramaturgia e encenação

Fábio Timor

Assistente de encenação e produção

Madalena Marques

Desenho de luz

Pedro Pires Cabral

Música e sonoplastia

Paulo Araújo

Espaço cénico e figurinos

Concepção colectiva

Registo vídeo e fotografia

José Miguel Pires

Interpretação

Glória de Sousa

Valdemar Santos

Vítor d'Andrade

Direcção artística

Glória de Sousa

Fábio Timor

Classificação

M/14 anos

Duração

60 min.

Estreia

10/Dez/22

Teatro de Vila Real

Produção

Urze Teatro

*Eram como bichos nocturnos
sombras desconfiadas corujas
ávidas rastejantes serpentes
corvos onzeneiros milicianos*

*Eram bandos de rapina
em guarda desesperados
sombras desvanecidas
como centuriões da verdade*

*Eram doze homens na rua
metal forjado, metal pesado
abnegados tiranos dedicados
à porta o esperavam*







Urze Teatro

— breve apresentação —

A Urze é uma companhia profissional de teatro, e que desde a sua fundação, no ano de 2000, desenvolve ininterruptamente a sua actividade por todo o território nacional, sob a direcção artística da Actriz Glória de Sousa e do Encenador Fábio Timor.

A produção de obras de cariz moderno, caracterizam as suas opções artísticas em torno de questões culturais e sociais contemporâneas, pontilhadas por uma estética própria que evidencia uma aparente contradição simbiótica entre as interpretações expressionistas e a criação cénica minimalista, que promove uma visão conceptual original.

Nesse plano das escolhas artísticas, destacam-se as produções «Alguém cá dentro», em 2002, com dramaturgia de José Carretas; «Gernika» de Fernando Arrabal, em 2003, com encenação de Fábio Timor; «Silêncio», em 2004, com dramaturgia de Rui Ângelo Araújo; «À espera de Godot», em 2008, de Samuel Beckett; «A cantora careca», em 2010, de Eugène Ionesco; «No rasto de Miguel Torga», em 2007, com encenação de Pompeu José; «Rosas de sangue», em 2015, de Fábio Timor; «Rés-do-chão», em 2021, de Vítor Nogueira; entre outras.

No seu percurso profissional, a companhia tem consistentemente concretizado o objectivo de promoção da fruição artística, nomeadamente junto do público infanto-juvenil, com a criação de produções e actividades artísticas, de carácter pedagógico e didáctico, que se inserem na estratégia de incremento dos hábitos culturais, das quais se destacam «A guerra do tabuleiro de xadrez», em 2002 e 2006, de Manuel António Pina; «A moura encantada», em 2004, de António Cabral; «O capuchinho veremelho», em 2006, adaptação de A. M. Pires Cabral; «A fada Oriana», em 2011, de Sophia de Mello Breyner Andresen; «Florival, o pequeno pastro», em 2018, de A. M. Pires Cabral; entre outras.

Reconhecida a capacidade profissional da companhia na idealização e organização de projectos programáticos de referência cultural ao nível local, regional e nacional, destacam-se os festivais «festURZE — Festival intermunicipal de teatro» e «MAPI — Mostra de Artes para a infância», e os projectos de âmbito social e cultural «Violência? Não, obrigado!» e «No placo das memórias», entre outros.

O balanço artístico e profissional é também positivo em termos quantitativos, e que se podem traduzir nas 55 criações levadas à cena, 18 das quais dirigidas aos mais novos, bem como nas 1937 apresentações que contabilizam mais de 195 mil espectadores.





TEATRO de Bolso



Morada:

Avenida Aureliano Barrigas,
Lt. 3, R/C Esq.,
5000-413 Vila Real, Portugal

Telefones:

(+351) 927 492 236
(+351) 930 450 790
(+351) 259 044 684

Correio electrónico:
urzeteatro@outlook.com

Sítios na Internet:

urzeteatro.com
facebook.com/urze.teatro
instagram.com/urzeteatro
youtube.com/urzeemcena

Financiamento e apoio principal:



Apoios Institucionais:



Apoios à produção: